

ISSN 0101 - 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 135

MARÇO DE 2004



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

ISSN 0101-3335

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Professor Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Professora Solange Medina Ketzer

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Paulo Roberto Girardello Franco

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Helena Wilhelm de Oliveira

Diretor da Revista

Prof. Elvo Clemente

Conselho Editorial

para Assuntos Lingüísticos

Josè Marcelino Poersch, Leonor Soliar Cabral,

Leci Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,

Lêda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hernandez

Conselho Editorial

para Assuntos Literários

Gilberto Mendonça Telles, Petrona Domínguez

de Rodríguez Pasqués, Regina Zilberman, Urbano

Zilles, Maria Eunice Moreira, Carlos Alexandre

Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual - Preços 2004:

Brasil_-----R\$38,00

Exterior_-----US\$34,00

Número avulso_-----R\$12,00

Formas de pagamento:

Cheque nominal à

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS - BR

E-mail: edipucrs@pucrs.br

www.pucrs.br/edipucrs/

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:

SULIANI

Impressão:

EPECÉ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras

PUCRS, -n.1 (out. 1967)-, - Porto

Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.; 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Publicação indexada em CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades)

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80(05)

Literatura: Periódicos 82(89) (05)

Periódicos: Lingüística (05)80

Periódicos: Literatura (05) 82(89)

Letras de Hoje

Estudos e debates de assuntos de lingüística,
literatura e língua portuguesa

ESTUDOS EM TORNO DA FRASEOLOGIA

março de 2004

organizado por
Susana Q. de Creus

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCRS

Sumário

Estudos lingüísticos da Fraseologia <i>Susana Quinteros de Creus</i>	5
La globalización de la fraseología como convergencia cultural <i>Gloria Corpas Pastor</i> <i>Florentina M. Mena Martínez</i>	9
Fraseología y educación discursiva <i>Vicent Salvador</i>	45
Apuntes sobre la métrica de los refranes <i>Jean-Claude Anscombe</i>	65
Generecidade, metáfora e descrição lexical: um estudo do provérbio <i>não há rosa sem espinho</i> <i>Marion Carel</i> <i>Patricia Schulz</i>	89
Negación, refranes y estereotipos <i>Silvia Palma</i>	121
El proverbio delocutivo y la opinión personal: Nuevas observaciones sobre la combinación del proverbio con el verbo performativo: <i>Je trouve que</i> <i>Sonia Gómez-Jordana Ferary</i>	133
Consideraciones acerca del mínimo paremiológico español <i>Olga Tarnowska</i>	155
(Des)proverbialização e estereótipos <i>Aracy Ernst-Pereira</i>	181

Soluções tradutórias para a alteração contextual de provérbios em <i>Júlio César</i> , de Shakespeare <i>Beatriz Viégas-Faria</i>	195
Significado literal e não literal ou significado menos-que-literal? <i>Jane Rita Caetano da Silveira</i>	217
Um estudo comparativo das expressões idiomáticas <i>Ana Maria Wertheimer</i>	229
A teoria do léxico gerativo e a polissemia dos verbos eventivos <i>Rove L. de O. Chishman</i>	247
Nota sobre el papel de las paremias en la lexicalización de los puntos de vista <i>Pierre-Yves Raccah</i>	259
Resenha do livro de Gloria Corpas Pastor, <i>Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos</i> . <i>Miriam Seghiri Domínguez</i>	265

Estudos lingüísticos da Fraseologia

Susana Quinteros de Creus

A aquisição e a aprendizagem de uma segunda língua exige o domínio de diversas competências bem como o conhecimento de regras gramaticais e itens lexicais diversos. Mas esse processo também requer a assimilação de uma série de unidades fraseológicas (estruturas fixas ou semi-fixas) que estão à disposição do aprendiz no registro da língua falada e escrita e que lhe permitem deixar de lado a comunicação objetiva para poder expressar-se com maior força e emotividade em qualquer situação ou em contextos específicos. No entanto, para fazer um uso equilibrado das expressões idiomáticas é preciso reconhecê-las, analisando seu funcionamento na língua e seu comportamento no discurso. A Fraseologia é uma das disciplinas que pode nos fornecer os meios para atingir esse objetivo.

Durante os últimos vinte anos a Fraseologia desenvolveu-se até conformar uma disciplina científica independente. Muitos estudos lingüísticos usando diversos enfoques – sintáticos, semânticos, pragmáticos, contrastivos, traductológicos, cognitivos e de aprendizagem de línguas, entre outros – são a prova do interesse despertado por este novo campo de investigação. Em decorrência, considerou-se oportuno reunir neste número da revista *Letras de Hoje* estudos que, com diferentes abordagens, mostrassem um panorama geral em torno da existência e produtividade das unidades fraseológicas das línguas. A obra, em seu conjunto, além de propor uma reflexão sobre o tema central abordado, pretende oferecer material de referência a todos aqueles que estejam desenvolvendo trabalhos de pesquisa nessa área.

Entre os ensaios aqui apresentados está o das professoras Gloria Corpas Pastor, da Universidade de Málaga (Espanha) e Florentina M. Mena Martínez da Universidade de Murcia (Espanha).

nha), que discutem o conceito de globalização da fraseologia como convergência cultural, insistindo na necessidade de que as reflexões se fundamentem no uso real das unidades fraseológicas e não nas recompilações lexicográficas. Conforme as autoras, fica uma porta aberta para futuros estudos que se dediquem a analisar, no maior número possível de línguas, as causas cognitivas, lingüísticas e culturais que têm como efeito numerosas coincidências no terreno da fraseologia.

Vicent Salvador, professor da Universidade Jaime I de Valência (Espanha), destaca a importância da fraseologia para a educação no que tange à interpretação e produção dos discursos. Ele propõe sugestões para o desenvolvimento de algumas linhas de pesquisa sobre a prática discursiva com um melhor aproveitamento dos componentes fraseológicos que a linguagem e o discurso possuem.

O professor Jean-Claude Anscombe, do Centre National de la Recherche Scientifique (França), apresenta o resultado de suas próprias observações sobre as estruturas métricas dos *refrains* como marca de identificação. No desenvolvimento de seu trabalho, o autor procura mostrar quais são essas estruturas, qual é a origem e qual é o uso que delas é feito.

Mediante um estudo do provérbio *Il n'y a pas de roses sans épines* (Não há rosa sem espinho), as professoras Marion Carel e Patricia Schulz do Celith-EHESS, Paris (França), examinam e rejeitam o caráter implicativo e genérico atribuído aos provérbios sob o enfoque referencialista. As autoras se valem da Teoria dos Blocos Semânticos, versão técnica da Teoria da Argumentação na Língua, para a descrição semântica do provérbio das rosas.

Silvia Palma, professora da Universidade de Reims, França, analisa *refrains* espanhóis, de um ponto de vista semântico relacionado à argumentação e aos estereótipos léxicos. O fenômeno lingüístico da delocutividade na descrição da essência proverbial bem como as possíveis combinações dos provérbios com o verbo performativo do francês: *Je trouve que*, são analisados por Sonia Gómez-Jordana Ferary, doutoranda da EHESS, Paris (França).

Considerações acerca da busca do mínimo paremiológico espanhol são apresentadas pela professora Olga Tarnovska, da Universidade de Granada (Espanha); a autora destaca a importância de indagar sobre o conjunto de parêmiias cujo conhecimento é imprescindível para o bom domínio da língua espanhola. Aracy Ernst-Pereira, professora da Universidade Católica de Pelotas (Brasil), estuda a relação entre os estereótipos e determinadas formula-

ções fixadas na língua, verificando em que medida eles se mantêm em *slogans* publicitários.

Um exame sobre as soluções tradutórias para a alteração contextual de provérbios em *Júlio César*, de Shakespeare, é o tema examinado pela tradutora e doutoranda da PUCRS, Porto Alegre (Brasil), Beatriz Viégas-Faria.

Jane Rita Caetano da Silveira, professora da PUCRS, Porto Alegre (Brasil), aborda a questão da literalidade ou não-literalidade de significados na interface da semântica com a pragmática cognitiva, sob a perspectiva teórica de Sperber e Wilson. A partir de uma classificação das expressões idiomáticas em diferentes tipos, Ana Maria Wertheimer, professora da PUCRS, Porto Alegre (Brasil), faz um estudo comparativo das expressões idiomáticas e outras unidades lingüísticas, centrando sua análise no caráter composicional das EIs. Rove L. de O. Chishman, professora da UNISINOS, São Leopoldo (Brasil), reflete sobre o fenômeno da polissemia dos verbos eventivos no quadro da teoria do Léxico Gerativo.

Finalmente, apresentam-se notas comentadas do professor Pierre-Yves Raccah, do CeReS, Universidade de Limoges (França), sobre a extensão da teoria dos *topoi* argumentativos na descrição do léxico e sobre o papel das parêmiias na lexicalização dos pontos de vista. Incluímos também neste volume uma resenha elaborada por Míriam Seghiri Domínguez, da Universidade de Málaga, do livro da professora Gloria Corpas Pastor intitulado *Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos*, recentemente publicado.

Como se pode observar, este número da revista *Letras de Hoje* conta com a valiosa contribuição de professores e pesquisadores da Espanha, da França, de nossa Universidade e de outras do Brasil. Agradecemos a todos por ter-nos prestigiado com sua participação.

La globalización de la fraseología como convergencia cultural

Gloria Corpas Pastor*
Florentina M. Mena Martínez**



Vieles von dem, was man zunächst für sprachspezifisch hielt, hat sich mit der Entwicklung der vergleichenden Phraseologie und Parömiologie als sprachübergreifend oder gar als universal herausgestellt¹ (Eismann, 2002).

Introducción

No es nada nuevo afirmar que en los últimos años ha aumentado vertiginosamente el interés por la fraseología. Los puntos geográficos de investigación, circunscritos en un principio casi en exclusiva a la Europa del Este, se han multiplicado considerablemente debido a la proliferación de publicaciones, congresos y trabajos de investigación llevados a cabo en multitud de países durante la última década. En este sentido, la internacionalización de la fraseología como campo de estudio y como disciplina puede considerarse, si no como un hecho consumado, sí al menos, como un proyecto que va cobrando cada vez más identidad. El objetivo de este trabajo, sin embargo, no es el de recopilar información con la que documentar la expansión y la consolidación de la fraseolo-

* Universidad de Málaga.

** Universidad de Murcia.

¹ "Con el desarrollo de la fraseología y la paremiología comparadas, gran parte de lo que hasta ahora se tenía por específico de una lengua dada ha resultado ser algo común a la mayoría de las lenguas, catalogable, incluso, como universal." La traducción es nuestra.

gía.² Nuestro propósito apunta hacia un aspecto más arriesgado y conflictivo del concepto de internacionalización, ya que pretendemos averiguar hasta qué punto es posible que en un futuro, más lejano que cercano, converjan los diferentes sistemas fraseológicos de distintas lenguas y se produzca la homogeneización de una gran cantidad de unidades fraseológicas. Se trata, qué duda cabe, de reflexiones aventuradas sobre todo si se tiene en cuenta la tradicional defensa de la fraseología como insigne portadora de especificidad cultural y nacional. La cantidad de argumentos que se pudieran presentar en contra de la posible internacionalización no debe censurar de antemano un estudio sobre el tema, por lo que en las páginas siguientes intentaremos determinar los indicios, los factores propicios, los elementos adversos, así como las previsibles consecuencias que un fenómeno de estas características podría acarrear. Los ejemplos que se incluyen tienen un mero carácter ilustrativo ya que su número no permite alcanzar conclusiones determinantes. Proyectos de investigación a gran escala que pongan en marcha un programa de trabajo constante, interconectando diversos especialistas en distintos países del globo con acceso a corpus extensos posibilitarían alcanzar resultados más concluyentes.

1 Algunas precisiones conceptuales y terminológicas

Antes de adentrarnos en todas las cuestiones mencionadas es importante establecer ciertas precisiones conceptuales y terminológicas. Tal y como el lector habrá podido intuir en el párrafo anterior, la *fraseología* se entiende en este trabajo, no como disciplina, sino como inventario de unidades fraseológicas (UFs), esto es, combinaciones estables formadas al menos por dos palabras gráficas y cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta, las cuales se caracterizan por su alta frecuencia de (co)aparición y su institucionalización en la lengua, así como los diversos grados de idiomatización y variación que éstas pueden presentar (Corpas Pastor, 1996: 269 y ss.; Corpas Pastor, 1998a). Nos interesan, pues, las *unidades fraseológicas* individuales y concretas que se pueden hallar en todas las lenguas en tanto en cuanto pueden llegar a fundirse en un sistema común.

Otro de los conceptos clave para este trabajo se refiere al fenómeno de la *internacionalización*, al que conviene dedicarle unas

líneas para distinguirlo de otros similares, tales como *transnacionalización*, *internacionalismo* y *mundialización*. Todos estos términos recurrentes, especialmente en el terreno de las ciencias sociales y la economía, se asocian irremediamente a *globalización*. La afirmación de que nuestro concepto de 'internacionalización' se asemeja a este último no proporciona las bases conceptuales necesarias para un óptimo planteamiento y desarrollo de nuestros argumentos. *Globalización* es una de las palabras más empleadas hoy día y a pesar, o quizás precisamente por, su alta frecuencia de uso le confiere un alto grado de polisemia, y, de ahí, cierta confusión e indefinición. Aunque la definición del término en una primera aproximación va ligada a asuntos económicos,³ nadie pone en duda que el concepto ha traspasado las fronteras de la economía para filtrarse en otros aspectos de la vida como es la sociedad, la cultura y el lenguaje. Para una delimitación conceptual resulta especialmente útil deslindar los ámbitos a los que afecta la globalización. Son varios los autores que identifican las parcelas afectadas por este fenómeno. Así por ejemplo, Giddens (1990) distingue cuatro dimensiones – la económica, la de los Estados, la militar y la de la división internacional del trabajo –. Sin embargo, Vargas Aguirre (2000) ofrece una estructura más acorde y apropiada para nuestros objetivos, ya que contempla la globalización desde tres perspectivas diferentes: la económica, la ideológica y la cultural, siendo esta última la que acoge el fenómeno lingüístico.

La globalización cultural se define por constituir una tendencia a la homogeneización cultural cuyos rasgos predominantes son los asociados a la cultura norteamericana. Dicha homogeneización se logra a través de la reproducción de todo tipo de símbolos y actitudes culturales, dentro de las cuales se encuentran los hábitos alimenticios (p. ej. *Coca-Cola*), la música, la moda y, por supuesto, el lenguaje. En este marco, la internacionalización de la fraseología hace referencia al proceso de homogeneización que se produce tras la eliminación de los aspectos de especificidad nacional y cultural propios de las unidades fraseológicas de cada lengua.

Por otro lado, los conceptos de "transnacionalización" e "internacionalismo" apenas poseen ramificaciones que afecten a la lingüística puesto que su significado más destacado proviene de los ámbitos de la economía mundial y las ciencias sociales. Según Vargas Aguirre (2000) el primero implica "la generación de empre-

² En lo concerniente al panorama de la Península Ibérica, véase Corpas Pastor (2001, 2003), Corpas Pastor y Morvay (2002), Pellen (2001) y Ruiz Gurillo (2002).

³ Dubois (1998) en este sentido define la globalización como la creciente interacción entre países del mundo causada por la expansión y potenciación de los mercados de capital, el comercio y la inversión externa directa.

sas a nivel mundial que controlan la producción y la economía”, mientras que el segundo, con connotaciones más positivas, hace referencia a la incorporación de las nuevas tecnologías de la información y las comunicaciones (TIC) por parte de aquellas organizaciones y movimientos que se erigen en defensa de los más pobres con el objetivo de aumentar su difusión y dotarles de carácter mundial. Para explicar el último concepto al que hacíamos referencia, el de la ‘mundialización’, es necesario admitir que la globalización no es un fenómeno nuevo que haya surgido repentinamente sin ninguna conexión con el pasado. En realidad, se trata de una prolongación de lo previamente acaecido. De ahí que Moreno (2002) defina la globalización como un eslabón de una cadena denominada “mundialización”. Esta cadena, que empezó a crearse hace aproximadamente quinientos años, adquiere su identidad mediante la creciente interdependencia que se establece entre los diferentes pueblos del planeta. La globalización representa un nuevo eslabón en la cadena y posee unas características específicas y diferenciadas. Es importante destacar que la interdependencia, uno de los componentes esenciales del fenómeno, es un proceso real sin marcha atrás, a no ser que, como indica Moreno, se produzca una catástrofe o hecatombe mundial ya sea por causas naturales o por la acción del hombre. Por ello, ante un proceso imparable, no deja de ser interesante plantearse el futuro de muchas cuestiones culturales y lingüísticas entre las que se halla la que aquí nos ocupa: la fraseología.

2 La internacionalización o globalización fraseológica

Las diversas cuestiones planteadas en este trabajo giran en torno a dos interrogantes: ¿Es posible hablar de globalización en la fraseología?, ¿qué probabilidades reales existen de que se produzca la internacionalización de las unidades fraseológicas? Las respuestas o incluso los aspectos a tener en cuenta a la hora de contestar estas preguntas no tienen porqué estar impregnadas del pesimismo y de las connotaciones negativas que rodean al concepto de globalización en otros terrenos alejados de lo puramente lingüístico, como es el de la economía. En el terreno de la lingüística, y en especial en el de la fraseología, se dan unas condiciones inexistentes en otros ámbitos de la vida y que constituyen bases ya consolidadas de interculturalidad propiamente dicha y a las que haremos referencia en el apartado dedicado a los factores propicios. En cualquier caso, conviene insistir en la necesidad de que las reflexiones se fundamenten en el uso real de las unidades fraseológicas

cas y no en las recopilaciones lexicográficas, ya que los diccionarios recogen y perpetúan unidades que no son utilizadas por los hablantes y que por tanto no aparecen en los análisis de corpus extensos (cf. Moon, 1998). El fenómeno de la globalización nos interesa en tanto en cuanto supone la convergencia en el uso actual de la fraseología. Una observación inadecuada podría inducir a resultados erróneos que, no obstante, servirían para constatar las similitudes teóricas de los distintos sistemas fraseológicos. Dichas similitudes constituyen importantes cimientos sobre los que se asientan las coincidencias que se pueden generar y desarrollar en la práctica.

La potencial globalización de las unidades fraseológicas se encuadra dentro de un fenómeno más amplio como es el de la variación fraseológica⁴. La variación acoge todo tipo de manifestaciones, usuales (variantes institucionalizadas) y ocasionales (modificaciones) que se generan en y a partir de los sistemas fraseológicos de las diferentes lenguas (cf. Mena Martínez, 2002). Es precisamente esta tarea la que convierte a la variación en fiel testigo de los procesos del posible desarrollo homogeneizador. Pero en esta evolución la importancia no sólo reside en la constatación de los cambios, sino también en la determinación de los factores que intervienen de una u otra forma y en la posibilidad de prever los productos finales, así como sus consecuencias o efectos colaterales. Hay que admitir que estamos ante un proceso vivo y sumamente activo, influido además por muchos factores. Por ello, no resulta sencillo prever qué nos depara el futuro de la fraseología en su uso real y actual por parte de los hablantes y quizás por esas mismas dificultades que plantea un proyecto tan ambicioso debiera acometerse el estudio acotándolo geográficamente. De esta manera, quizás sería más apropiado preguntarse primero si se está dando un fenómeno de generalización de la fraseología en un continente concreto. Así llegaríamos a cuestionarnos si se está produciendo la *globalización europea de la fraseología* o, lo que es lo mismo, la *globalización de la fraseología europea*.⁵

Aunque la homogeneización de la fraseología puede incluirse dentro de los procesos de globalización cultural, hay que precisar que el fenómeno lingüístico al que hacemos referencia posee ciertas características peculiares que le confieren una identidad singu-

⁴ Sobre este concepto, véase Burger (2000).

⁵ En este sentido, véase el concepto de *Europaphraseologie* introducido por Gréciano (1998) y desarrollado posteriormente por Cohen (2002) en un estudio de la fraseología empleada en el Parlamento europeo desde la perspectiva del análisis del discurso.

lar. Y es que los sistemas fraseológicos de muchas lenguas se nutren de fuentes comunes, por lo que un fenómeno de internacionalización podría suponer un reconocimiento del pasado y un mayor entendimiento entre los pueblos, fundamentado en el resurgir de formas compartidas y en la apreciación consciente de poseer las mismas raíces. De ahí que la interdependencia que alimenta la globalización y que se caracteriza por su falta de neutralidad, por ser asimétrica y por actuar de forma compulsiva, contenga otros rasgos más favorables en el terreno fraseológico. Si en este campo la interdependencia utiliza los pilares compartidos, estaremos hablando de una relación más recíproca e igualitaria y consecuentemente nos hallaremos ante un fenómeno mucho más optimista y positivo. Para poder discernir estas cuestiones es importante establecer los factores que pueden, o quizás estén contribuyendo ya, a la uniformización fraseológica.

3 Factores propicios

Los elementos que actúan a favor de la homogeneización fraseológica se distribuyen en dos grupos bien diferenciados, tanto por los procedimientos que utilizan como por las consecuencias que desencadenan. Por un lado se encuentran los factores positivos que se fundamentan sobre las bases comunes existentes en las lenguas y por otro, los factores negativos, cuya fuerza reside en la imposición de componentes específicos de una cultura concreta. El primer grupo supone una interdependencia igualitaria, mientras que el segundo implica una interdependencia negativa, nada recíproca en la que la cultura norteamericana tendría mucho que decir. Estos dos grandes focos, aunque de formas diferentes, sustentan la uniformización de la fraseología

Dentro de esta categoría se encuentran todos aquellos aspectos lingüísticos, cognitivos y culturales coincidentes en varias lenguas y sus respectivas culturas. Las coincidencias interlingüísticas e interfraseológicas derivadas de estos elementos se producen gracias a la existencia de fenómenos tales como los universales lingüísticos, los símbolos, las metáforas conceptuales, así como las fuentes comunes, como es el caso, para algunas lenguas, de la cultura grecolatina.

Por otro lado, hay que señalar el auge de la enseñanza y aprendizaje de lenguas extranjeras en el contexto europeo, el bilingüismo y los contactos lingüísticos ocasionados por los movimientos migratorios y por la propia idiosincrasia multilingüe y multi-

cultural del Viejo Continente (cf. Naumova, 2002). En palabras de Rosa Rabadán (2000:1):

El continuo contacto y convivencia más o menos soterrada de distintas lenguas en un mismo espacio geográfico y mediático ayuda al proceso de adaptación/transferencia de procedimientos estructurales en las lenguas en contacto.

No debemos olvidar, tampoco, las consecuencias derivadas de las políticas europeas en materia de educación y formación universitaria, esto es, la movilidad de estudiantes y profesorado a través de los programas *Sócrates-Erasmus* y *Tempus-Tacit*, la futura convergencia europea a corto plazo a través de los *Acuerdos de Bolonia* y los convenios bilaterales firmados entre países europeos y los países árabes, así como los suscritos con Canadá, Estados Unidos y América Latina, que amplían el radio de acción a los continentes africano y americano. Todo ello tiene, indefectiblemente, consecuencias importantes para la comunicación interlingüística e intercultural. Como dice Helman de Uturbey (2002: 3):

La intercomprensión de lenguas latinas, es una práctica en boga en universidades europeas, dado – como bien se sabe – el parentesco de todas ellas por haberse formado a partir del latín. También sucede lo mismo en América latina, entre hispanohablantes y lusohablantes ¿no es acaso lo que pasa cuando comunicamos con nuestros vecinos brasileiros? Utilizamos una “interlengua” (portuñol) o bien cada uno habla su lengua e interpreta la del otro o bien cada uno habla su lengua e interpreta la del otro. Y la comunicación se establece, aún cuando no hay un perfecto conocimiento de los dos idiomas.

Así mismo, merece la pena mencionar otros factores, de los cuales no nos vamos a ocupar en este trabajo por razones evidentes de espacio. Por un lado, nos referimos a los efectos de la globalización e internacionalización del comercio mundial y las nuevas modalidades de transacción comercial (*e-commerce*). En estrecha relación con lo anterior están la mundialización de la comunicación electrónica y la democratización de la Sociedad de la Información, la globalización de campañas publicitarias transnacionales y la participación de grandes empresas de comunicación en grupos internacionales.

La confluencia de todos estos factores ha ocasionado un fenómeno de uniformización lingüística y textual entre distintas lenguas, que empieza a mostrarse en su máximo esplendor precisamente ahora, en los albores del siglo XXI.

3.1 Los universales lingüísticos y los universales fraseológicos

Antes de exponer porqué el proceso de homogeneización en la fraseología puede estar muy relacionado con los universales lingüísticos hay que precisar que la universalización y los universales hacen referencia a conceptos muy diferentes. Los universales lingüísticos determinan rasgos, propiedades y fenómenos de carácter universal, es decir, comunes a todas las lenguas. Se trata, por tanto, de un germen importante para el desarrollo de la homogeneización o la universalización de las unidades fraseológicas.

El hallazgo de universales lingüísticos ha propiciado la investigación y búsqueda de coincidencias entre los distintos sistemas fraseológicos. Estas coincidencias son más numerosas de lo que las tradicionales creencias acerca de la fraseología como el aspecto más idiosincrásico de las lenguas quisieran asumir. Diferentes estudios realizados (Corpas Pastor, 1995; 1998a; 1998b) han dado buena fe de la existencia de similitudes y paralelismos entre lenguas como el inglés y el español. En un estudio posterior, Copras Pastor (2000a: 484) toma como punto de partida para su artículo sobre la "(in)traducibilidad" de la fraseología "el extraordinario paralelismo existente entre los sistemas fraseológicos de las distintas lenguas"⁶. De hecho, la autora, no sólo reconoce la existencia de unidades equivalentes, sino que además demuestra las similitudes y paralelismos que existen con respecto a los universales fraseológicos, especialmente, de dos lenguas (el inglés y el español). Dichos paralelismos parten incluso de la propia estructura de la fraseología que se organiza para ambas lenguas en tres grandes esferas – colocaciones, locuciones y enunciados fraseológicos –. Esta organización tripartita es aplicable también al resto de lenguas romances, germánicas y semíticas (cf. Copras Pastor, 2000b).

Así, en todas estas lenguas se puede hallar una primera esfera poblada por colocaciones que se definen por ser "unidades fraseológicas formadas por dos unidades léxicas en relación sintáctica, que no constituyen, por sí mismas, actos de habla ni enunciados; y que debido a su fijación en la norma, presentan restricciones de combinación establecidas por el uso, generalmente de base semántica" (Corpas Pastor, 1996: 66). Ejemplos de este tipo de unidad fraseológica equivalentes en el plano semántico y con un alto grado de equivalencia formal en varias lenguas son: *desempeñar un*

papel (español), *play a role* (inglés), *eine Rolle spielen* (alemán), *(smilyen) szerepet totl be* (húngaro), *jouer un rôle* (francés), *svolgere un ruolo* (italiano), *jugat un paper* (catalán), *desempeñar un papel* (galego) y *qama bi-dawrin* (árabe).⁷ Las locuciones son las unidades que integran la segunda gran esfera y pertenecen al centro del sistema fraseológico diseñado por Gläser (1986), lo cual demuestra su carácter de unidad prototípica. Al igual que las colocaciones, no constituyen enunciados completos pero, a diferencia de ellas, poseen mayor grado de estabilidad y consolidación. Además se caracterizan por ser una unidad de significado y por presentar fijación interna y externa. Ejemplos de este tipo de unidad son *dársela a alguien con queso* (esp.), *to lead somebody up the garden path* (ing.), *übers Ohr hauen* (al.), *(vkit) lova test* (húng.), *mener quelqu'un en bateau* (fr.), *darla a bere a qualcuno* (it.), *haber-li prè el piel* (cat.), *levar ós alpibardos* (gal.) y *ata bi-juffayn hynayn* (ár.).

La última esfera contiene los denominados enunciados fraseológicos, caracterizados por ser enunciados completos que constituyen actos de habla y que gozan, por tanto, de autonomía semántica y, en ocasiones, también de autonomía textual. Dentro de ellos se localizan dos grandes subgrupos: las paremias y las fórmulas rutinarias. Estas últimas han sido definidas por Coulmas (1981: 16) de la siguiente forma:

Sprachliche Ausdrücke, bei denen Situationen Erwartungen und Wirkungen auf standardisierte Weise miteinander korreliert sind und die als solche wichtige Mittel der institutionalisierten Steuerung sozialen Handelns darstellen.⁸

Como ejemplos incluimos las fórmulas de recusación que expresan desacuerdo o descrédito con lo manifestado por el interlocutor: *Cuéntaselo a tu abuela* (esp.), *Tell it to the marines* (ing.), *Machen Sie das einem andern Weis!* (al.), *Ezt tudod kinnek mond!* (húng.), *À d'autres!* (fr.), *Vai in quel paese* (it.), *Que te creus que jo donc damunt sa palla?* (cat.), *Vailló contar a outro* (gal.) y *dafanuka gariban* (ár.). Finalmente, las paremias son enunciados fraseológicos dotados de autonomía textual y de un alto grado de generalidad. Su significado no muestra la dependencia situacional que muestran las fórmulas rutinarias ya que poseen carácter referencial. Ejemplos de este tipo son: *El que se pica ajos come* (esp.), *If the cap fits,*

⁶ Cf. Rothkegel (2001: 217): "Die Phraseologieforschung im Vergleich verschiedener Sprachen hat aufgezeigt, dass es mehr Gemeinsames als Verschiedenes gibt." ('Los trabajos de fraseología contrastiva demuestran que se dan más coincidencias que diferencias entre los sistemas fraseológicos de las lenguas'. La traducción es nuestra).

⁷ Los ejemplos incluidos en esta sección proceden de Copras Pastor (2000b).

⁸ "[Las fórmulas rutinarias] son expresiones lingüísticas que, de forma estándar, están estrechamente relacionadas con determinadas situaciones, expectativas y efectos, y que, como tales, constituyen un importante medio para el manejo del comportamiento social." (La traducción es nuestra).

wear it (ing.), *Wenn der Schuh paßt, der zieht ihn an* (al.), *Akinek nem inge, ne vegye maga'ra* (húng.), *Qui se sent morveux se mouche* (fr.), *Chi ha la coda di paglia se la bruci* (it.), *Qui té la coa de palla aviat se l'encen* (cat.), *O que fala do coitelo é que ten gana de pan* (gal.), y *yahsibuna kulla sayhatan aleyhim* (ár.).

Los paralelismos y coincidencias interlingüísticas han fomentado la dimensión universal de la fraseología hasta el punto de que autores como Roos (1985) y especialmente Dobrovolskij (1988, 1992) hablan de la existencia de los universales fraseológicos. Este último señala que el término *universales fraseológicos* recubre varios fenómenos, que él clasifica en tres grupos: los *universales fraseológicos conceptuales* que no están determinados lingüísticamente, los *universales léxico-fraseológicos* y los *universales fraseológicos* propiamente dichos. Dentro del primer grupo se encuentran, por ejemplo, el principio de la distribución irregular de la fraseología en las diferentes áreas referenciales; el "doble antropocentrismo" de la fraseología, es decir, la orientación semántica de los aspectos referenciales y asociativos de la nominación fraseológica sobre el hombre; el papel dominante de las valoraciones negativas en las unidades, etc. En la segunda categoría, los universales léxico-fraseológicos, se ubican fenómenos propios del sistema interno de las lenguas tales como la polisemia, la homonimia, la sinonimia y la antonimia. Finalmente, como universales fraseológicos específicos se hallan las leyes que regulan los sistemas fraseológicos así como la existencia de variantes y modificaciones fraseológicas, la presencia de palabras diacríticas, los diferentes grados de idiomaticidad, etc.

Todas estas coincidencias y similitudes universales constituyen el caldo de cultivo ideal para el desarrollo de la homogeneización fraseológica, ya que representan un primer poso simétrico. Pero los paralelismos interfraseológicos no se restringen a la existencia de los universales. Junto a éstos existen otros factores que fomentan favorablemente la dimensión compartida de las unidades que pueblan la fraseología.

3.2 Las metáforas conceptuales

Otro de los factores propicios y favorables al proceso de uniformización son las metáforas conceptuales que se definen por ser generalizaciones, estructuras abstractas, plantillas cognitivas que permiten agrupar distintas expresiones metafóricas en torno a un dominio origen – el que presta sus conceptos–, o bien en torno a un dominio destino – el que recibe los nuevos conceptos – (cf. Lakoff y

Johnson, 1980 y Lakoff, 1987, 1990). Sin embargo, no son éstas como tales sino el papel que desempeñan en la creación y en el significado de las unidades fraseológicas idiomáticas lo que las convierte en importante acicate de los paralelismos y similitudes en la fraseología. En realidad, las metáforas conceptuales o los modelos metafóricos están muy relacionados con condiciones previas universales, ya que se fundamentan en la habilidad común a los seres humanos de concepcionar el mundo de acuerdo con la experiencia directa y dentro de ésta, en especial, la experiencia corporal (cf. Johnson, 1987). Los principios cognitivos que regulan esta habilidad, como la metáfora y la metonimia, permiten acceder a las relaciones entre el significado literal y el significado figurativo y los convierten en entidades independientes de cada cultura particular. Por tanto, gracias a su carácter universal, las herramientas cognitivas son fuente de coincidencias lingüísticas y fraseológicas.

A pesar de que aún no se han podido establecer los universales lingüísticos que determinen qué dominios origen pueden denotar qué dominios destino, existen ya numerosas investigaciones empíricas que analizan diversas lenguas e identifican las imágenes mentales que subyacen a las unidades fraseológicas con significado figurativo. Entre ellas se encuentra, por ejemplo, el estudio de Ruiz Gurillo (2001) que se basa en la distinción de Lakoff y Johnson (1980) entre metáforas orientacionales⁹ y metáforas ontológicas¹⁰ para analizar una serie de locuciones españolas con el fin de localizar los procesos metonímicos implicados y los tipos de metáforas que emplean estas unidades fraseológicas. Una obra de gran envergadura en este sentido es la llevada a cabo por Casadei (1996). Esta autora italiana se plantea el objetivo de demostrar la existencia de regularidad, esto es, de relaciones sistemáticas en la semántica de las locuciones utilizando las teorías cognitivas de la metáfora. Los resultados procedentes del análisis de un corpus de más de tres mil locuciones verbales italianas son altamente espe-

⁹ Para estos autores las metáforas orientacionales organizan todo un sistema de conceptos con respecto a otro sistema, no son arbitrarias y se basan en nuestra experiencia física y cultural. Este tipo de metáforas dotan a los conceptos que estructuran de una orientación espacial. Algunos ejemplos de metáforas orientacionales son HAPPY IS UP ('Felicidad es arriba'): *I'm feeling up, My spirits rose*, en inglés; y *Arriba ese ánimo, La llamada de ayer me levantó la moral*, en español; SAD IS DOWN ('Tristeza es abajo'): *I'm feeling down, My heart sank*, en inglés, y en español *Tras la separación se vino abajo, Cuando supo que el piso ya estaba vendido, se le cayeron todos los palos del sombrero*.

¹⁰ Según Lakoff y Johnson (1980: 25 y ss) las metáforas ontológicas se fundamentan en nuestra experiencia con objetos físicos y sustancias: THE MIND IS A MACHINE ('La mente es una máquina'): *We are still trying to grind out the solution to this equation* (ing.) y *Me puse a toda máquina con el proyecto y lo entregué a tiempo* (esp.).

ranzadores y apuntan hacia la posibilidad de hallar los principios que van más allá de los casos particulares. Empleando como base del estudio la metáfora conceptual, Casadei establece cuatro grandes apartados en los que se distribuyen las expresiones idiomáticas: el espacio, el movimiento y la fuerza, el cuerpo y el dominio cultural. Una de las aportaciones más interesantes que ofrece este estudio es la consistencia que demuestran los resultados con la base experiencial que defiende la teoría de la metáfora:

Coherentemente con l'ipotesi di fondo dell'approccio cognitivista, infatti, le strutture metaforiche sottostanti alle e.i. appaiono fortemente radicate in, e motivabili da, aspetti dell'esperienza extralinguistica e specie percettiva e corporea. Delle 3064 e.i. che ho analizzato 2094 sono riconducibili direttamente a metafore che hanno come domini origine ambiti d'esperienza fisico-percettiva e che appaiono motivate dalla natura e dai contenuti di tale esperienza¹¹ (Casadei, 1996: 393).

Esto no implica que todas las locuciones puedan ser explicadas a través de las metáforas conceptuales. Las expresiones de origen histórico, mitológico o literario se resisten a la sistematización de Casadei. Sin embargo, para nuestros propósitos, la metáfora conceptual se presenta como una importante fuente de coincidencias debido a su naturaleza universal. Por otro lado, los antecedentes históricos y literarios comunes a varias lenguas determinan también paralelismos importantes.

Junto a los estudios de carácter general (cf. por ejemplo Iñesta Mena y Pamies Bertrán, 2002) y a los dedicados al análisis de una sola lengua, se hallan los trabajos multilingües que nos ofrecen información interesante para el establecimiento de los factores que contribuyen a la homogeneización fraseológica ya que identifican contrastes y paralelismos interlingüísticos. Este es el caso de Mellado Blanco (1999) que se encarga del análisis de las expresiones figurativas del alemán y el español, y del estudio realizado por Iñesta Mena y Pamies Bertrán (2001) cuyo objetivo es el de sistematizar las unidades fraseológicas que expresan la *ira* de acuerdo con los fenómenos metafóricos que las originan. Estos autores localizan

¹¹ "En consonancia con la hipótesis de fondo del enfoque cognitivo, las estructuras metafóricas subyacentes a las expresiones idiomáticas se encuentran fuertemente arraigadas en, y motivadas por, aspectos de la experiencia extralingüística, en especial de aspectos sensoriales y corporales. De las 3.064 expresiones idiomáticas que he analizado, 2.094 guardan relación directa con metáforas que tienen como dominio origen ámbitos de experiencias físico-sensoriales y que, al mismo tiempo, están motivadas por la naturaleza y por los contenidos de dichas experiencias." La traducción es nuestra.

los modelos icónicos –mecanismos de proyección metafórica inspirados en las teorías de Lakoff y Johnson y Wierzbicka– que se basan en determinados dominios origen y que ofrecen como resultado un gran número de unidades fraseológicas en un dominio destino concreto. Su hipótesis se fundamenta en la existencia de campos conceptuales que se manifiestan especialmente productivos en la generación de unidades. Con respecto al dominio destino de la *ira* los autores hallan los siguientes dominios-origen: ANATOMÍA, TEMPERATURA, ESPACIO, MOVIMIENTO, COLOR, DESEO, ANIMAL, CONFLICTO, MUERTE y POSESIÓN. De acuerdo con estos dominios, Iñesta y Pamies clasifican en nueve modelos icónicos más de trescientas veinte unidades fraseológicas de diferentes lenguas (español, francés, alemán, italiano, inglés, eslovaco, guaraní, tanimuca, árabe, chino, holandés, rifeño, catalán, estoniano, ticuna, rumano, ruso, ucraniano, polaco, portugués y húngaro).

Uno de los modelos más productivos es el de ANATOMÍA + TEMPERATURA, en el cual se hallan unidades fraseológicas que expresan la ira mediante proyecciones metafóricas del tipo: *la ira como calentamiento interior o la ira como explosión, incendio o tormenta eléctrica*. Estos son algunos ejemplos de locuciones: *echar rayos y centellas* (esp.), *laisser exploser sa colère* (fr.), *far fuoco e fiamme* (it.), *deitar fogo pelos olhos* (port.), *a vârsa foc pe nâri* (rum.), *to blow a fuse* (ing.), *soptit'hnevom* (eslo.), *otimbopa, ipochy'eterei* (gua.), etc.

Para nuestros objetivos son especialmente interesantes las conclusiones de este trabajo:

Muchas unidades fraseológicas comparten los mismos mecanismos semánticos de configuración.

Se produce coincidencia interlingüística entre las imágenes que subyacen a las unidades fraseológicas.

Los mecanismos mentales señalados por la semántica cognitiva son comunes a muchos fraseologismos en diferentes lenguas.

Todo esto implica la existencia de metáforas que no se circunscriben de forma exclusiva a una determinada cultura, sino que constituyen la base de muchas unidades fraseológicas en diversas lenguas. Esta base común favorece la coincidencia de muchas lenguas en el terreno de la fraseología. Sin embargo, no todo en la fraseología viene determinado por la experiencia directa. Junto a mecanismos como la metáfora se encuentran los aspectos culturales que intervienen en la interpretación de algunas unidades. Del ámbito de aplicación de dichos aspectos depende otra parcela del área común fraseológica de las lenguas. Dicho con otras palabras, las lenguas que compartan ciertos antecedentes históricos y que coincidan en sus proyecciones convencionalizadas del mundo

probablemente presentarán un mayor grado de convergencia fraseológica.

3.3 Aspectos culturales

Si bien es cierto que los aspectos culturales específicos y privativos de ciertas lenguas actúan como semillas de divergencia lingüística, no es menos cierto que aquellos elementos culturales que constituyen la herencia compartida por varias culturas funcionan de forma opuesta. Por este motivo los aspectos culturales intervienen como factores propicios de la homogeneización y como factores de resistencia. Dentro de los aspectos culturales de especial relevancia para la fraseología se localizan los símbolos, así como los hechos históricos y otros fenómenos propios de las manifestaciones culturales de los pueblos. La distinción entre unos y otros resulta con frecuencia complicada ya que la relación entre unas manifestaciones culturales y otras es a menudo muy estrecha cuando se observa su papel en la composición y origen de las unidades fraseológicas.

3.3.1 Los símbolos

Son muchas las áreas de investigación, además de la lingüística, interesadas por los símbolos – teología, mitología, historia del arte, semiótica, etc. –. Debido a esta naturaleza interdisciplinar es posible encontrar diferentes concepciones del término (cf. Dobrovolskij y Piirainen, 1997). En este trabajo entendemos que el símbolo es un signo que no es completamente arbitrario y que posee como condición previa la reinterpretación semántica. Así, determinadas palabras – por ejemplo, el adjetivo *negro* – cuando aparecen dentro de ciertas combinaciones lingüísticas – *tener un día negro* – necesitan una segunda lectura en la que adquieren su función simbólica gracias a un significado secundario, a la reinterpretación – *negro* ≈ ‘malo’ –. Dobrovolskij y Piirainen (2000) distinguen entre el símbolo de la cultura y el símbolo de la lengua. Los primeros están motivados sólo diacrónicamente, mientras que los segundos pueden ser comprendidos sincrónicamente. Aunque también aparecen en algunos compuestos, nuestro interés por los símbolos reside en su frecuencia de aparición en las expresiones figurativas, especialmente, en las locuciones idiomáticas y en las paremias. Pero sobre todo nos interesa la posibilidad de que éstos constituyan una fuente de coincidencias interfraseológicas.

En casi todas las lenguas mayoritarias se han realizado estudios que analizan la presencia de uno o varios ámbitos simbólicos en las unidades fraseológicas. Los ámbitos cromáticos y numéricos junto con el de los animales son los que acaparan las preferencias de los investigadores. Sin embargo, también existen otros más particulares como el de las flores al que se dedican algunos fraseólogos (cf. Stedje, 1991). Una vez más, los más interesantes para nosotros son los estudios contrastivos entre los que destacan, entre otros, Földes (1991), Hammer (1999) y Mansilla Pérez (1999). Prestando atención a tres lenguas diferentes – alemán, ruso y húngaro – el primero analiza un corpus de aproximadamente 700 fraseologismos en cuyos componentes se encuentra alguno de estos colores: negro, rojo, blanco, verde, azul, gris y amarillo. Los datos más concluyentes aparecen reflejados en una tabla que especifica el número de UFs que presentan equivalencia total o parcial en cada una de las lenguas y en cada uno de los colores. El color más productivo es el negro seguido del rojo, siendo además el negro el que presenta un mayor número de equivalencia total interlingüística. Los estudios realizados por Hammer (1999) y Mansilla Pérez (1999) se centran en dos lenguas. Hammer analiza el par alemán-francés, mientras que Mansilla Pérez se ocupa de las unidades fraseológicas con el componente cromático en alemán y español.

Además de estos trabajos, destaca especialmente el realizado por Dobrovolskij y Piirainen (2000) donde se lleva a cabo un análisis de nueve lenguas, entre las que se hallan cuatro lenguas germánicas occidentales muy vinculadas histórica y genéticamente tanto por sus estructuras lingüísticas como por su trasfondo cultural: alemán, holandés, inglés y un dialecto del bajo alemán *Westmüsterländisch*, una lengua germánica septentrional, el sueco, y una lengua románica occidental, el francés. A éstas se añaden el ruso, el finés y la más alejada cultural y lingüísticamente, el japonés. El propósito de este ambicioso proyecto es el de llevar a cabo un análisis interlingüístico entre las mencionadas lenguas de la simbología animal, cromática y numérica. Los resultados revelan cuestiones importantes para la determinación de las bases comunes a la fraseología de estas nueve lenguas. Las mayores coincidencias son las que se derivan del color negro cuya función simbólica aparece en todas las lenguas y culturas mencionadas. Un segundo puesto lo ocupa el rosa con el significado simbólico de *bueno, positivo, agradable*. Estos son algunos ejemplos: *look at someone through rose-tinted spectacles / look (at the world) through rose-colored glasses* (ing.), *etwas durch die rosarote Brille sehen/betrachten* (al.), *door een roze bril kijken* (hol.), *se allt i ett rosenrött skimmer* (sue.), *voir tout en rose* (fr.),

smotret' skvoz' rozovye ocki (rus.), *nähdä kaikki ruusunpunaisena* (fin.), *barairo no jinsei* (ja.). A estas locuciones proporcionadas por Dobrovols'kij y Piirainen, podríamos añadir el ejemplo español *ver (algo) de color de rosa*,¹² que también presenta coincidencia con el valor simbólico de rosa.

La simbología animal es también recurrente en varias lenguas si se observan determinados animales. El análisis de Dobrovols'kij y Piirainen (2000) identifica tres funciones simbólicas para el lobo – peligro, malicia/agresividad y hambre – que se ven reflejadas en los ejemplos que hallan en alguna de las lenguas. Así, la función simbólica del peligro aparece en locuciones del inglés (*cry wolf*), francés (*se mettre dans la gueule du loup*), ruso (*volkov bojat' sja – v les ne chodit*), finés (*mennä/ joutua (suoraan) suden suuhun*) y japonés (*zenmon no tora, komon no okami*). En este grupo se encontraría la locución española *meterse en la boca del lobo* que presenta total equivalencia formal y funcional con la que se recoge para el francés. Es muy frecuente, no obstante, que dentro del espectro simbólico aparezcan también divergencias culturales y como consecuencia se generen unidades fraseológicas con contenido simbólico opuesto. A veces, dichas divergencias se manifiestan con respecto a lenguas concretas, pero otras veces, las divergencias se producen entre bloques culturales completos. Como ilustración baste el símbolo *serpiente* que para las culturas europeas actuales posee la función simbólica de *maldad y falsedad*, mientras que para otras culturas del Extremo Oriente, o incluso la de la antigüedad griega transmite la idea de lo sagrado. No en vano, tradicionalmente para los japoneses, la serpiente blanca es un animal sagrado, símbolo de buena suerte (cf. Dobrovols'kij y Piirainen, 2000). Otros animales cuya función simbólica favorece la generación de unidades idiomáticas similares en varias lenguas son, por ejemplo, el águila, el cuervo, el asno y el gallo. En un análisis de paremias alemanas y españolas, Piñel (1999) halla numerosas coincidencias con respecto a la función simbólica que caracteriza a cada uno de estos animales.

La simbología numérica no constituye un factor tan decisivo como los anteriores en el fomento de la homogeneidad. Los números con frecuencia adquieren más de una función simbólica en una única lengua; funciones que luego son expresadas mediante otros números en otras lenguas. Por esta razón, los símbolos numéricos

¹² Otros ejemplos en español, referentes al color o a la flor, son *como las propias rosas* ('col. Muy bien o perfectamente', DEA), *de color (de) rosa* ('Halagüeño', DEA), *de rosa* ('sumamente suave', DEA), *camino de rosas* ('proceso u operación exentas de dificultades, DUEAE), *como una rosa* ('que tiene un aspecto saludable', DUEAE).

generalmente proporcionan ejemplos para los factores que sirven de freno al isomorfismo fraseológico.¹³

3.3.2 La herencia común

El desarrollo cultural de un pueblo está condicionado por una serie de hechos de variada naturaleza, sucesos históricos, creencias, vivencias e incluso por las propias manifestaciones que se producen en las distintas esferas que abarca la cultura. En este proceso, los símbolos surgen y se alimentan del resto de componentes que integran el desarrollo cultural. Entre los componentes que afectan directamente a las unidades fraseológicas se encuentran todos aquellos fenómenos que participan de una u otra manera en su origen. Nos estamos refiriendo a la herencia cultural común europea que comprende los vestigios populares y cultos de la herencia greco-romana, las traducciones de los clásicos, el legado de las grandes obras de la literatura universal y la Biblia. Dichas unidades constituyen los denominados *européismos*, esto es, unidades fraseológicas comunes a la mayor parte de las lenguas europeas, procedentes de las mismas fuentes, que coinciden en su forma y en su contenido, al menos parcialmente.

Dependiendo del origen concreto, se distingue entre *européismos naturales* y *européismos culturales*, aunque no se trata de compartimentos estancos, pues muchas unidades se contemplarían, en puridad, como pertenecientes a ambos tipos. Los *européismos naturales* surgen como observaciones con respecto al mundo que nos rodea, el comportamiento de los seres vivos,¹⁴ los fenómenos naturales, las costumbres y creencias, etc. Por ejemplo, Corpas Pastor (2000b) aduce ejemplos de locuciones similares cuyo origen se sitúa en el ámbito de la cetrería: *cortarle a uno las alas* (esp.), *clip someone's wings* (ing.), *die Flügel stutzen/beschneiden* (al.), *rogner les ailes de qqn.* (fr.) y *tarpane le ali a qualcuno* (it.), entre otros.

Muchas de estas UFs constituyen fraseologismos somáticos antropomórficos, del tipo *echar una mano a alg.* (esp.), *give sb. a hand* (ing.), *jmdm. an die Hand gehen* (al.), *donner un coup de main* (fr.) y *dare una mano a qualcuno* (it.), los cuales comparten un significado fraseológico similar ('ayudar a alguien en una situación difícil'). Čermák (2000) ofrece también ejemplos altamente equiparables

¹³ Sin embargo, véanse los ejemplos de locuciones con animales y números (parcialmente) coincidentes en varias lenguas que aporta Corpas Pastor (2000b y 2001).

¹⁴ Aquí se encuadrarían también gran parte de las UFs que comparten una misma base metafórica cuyo dominio origen es una metáfora conceptual de naturaleza antropomórfica.

basados en el constituyente MANO en la mayoría de las lenguas germánicas, románicas y eslavas: inglés, alemán, holandés, sueco, francés, italiano, español, ruso, polaco y checo. Sin embargo, este autor termina por afirmar que mientras el significado positivo parte muy probablemente de una misma fuente histórica y sería muy anterior, en cambio su significado negativo opuesto no tuvo tal fuente común.¹⁵ Añade el autor que los fraseologismos están extremadamente determinados por la cultura, tanto en el grado de intensidad de los gestos usados como en su selección.

Otras unidades reflejan una mentalidad común debido al mismo sustrato cultural europeo compartido. Los *européismos culturales*, como su nombre indica, son unidades fraseológicas que tienen su origen en el acervo cultural europeo. Algunos ejemplos¹⁶ con reminiscencias clásicas de tema mitológico son *el talón de Aquiles* (esp.), *Achilles' heel* (ing.), *Achilles Sehne*¹⁷ (al.), *talón d'Achille* (fr.), *tallone di Aquille* (it.). Otro ejemplo ilustrativo es el apotegma del griego Epicarmus, recogido por Séneca en su obra *Apocolocyntosis*, ix como *Manus manum lavat*, que ha pasado tal cual a distintas lenguas europeas: *Una mano lava a la otra* (esp.), *One hand washes the other* (ing.), *Ein Hand wäscht die andere* (al.), *Une main lave l'autre*¹⁸ (fr.) y *Una mano lava l'altra* (it.). Además de las traducciones del griego y del latín, están las procedentes de grandes autores de la literatura universal, como Shakespeare: *My kingdom for a horse!* (*Richard III*), que se ha incorporado al español (*Mi reino por un caballo*), al alemán (*Ein Königreich für ein Pferd!*), al francés (*Mon royaume pour un cheval!*) y al italiano (*Il mio regno per un cavallo!*); o la celeberrima cita del príncipe Hamlet, *To be or not to be: Ser o no ser* (esp.), *Sein oder Nichtsein* (al.), *Être ou ne pas être* (fr.), *Essere o non essere* (it.).

También se engloban en este apartado las UF's coincidentes por estar basadas en un mismo hecho histórico. Por ejemplo, *victoria pírrica* hace referencia a la exigüe victoria conseguida por el rey Pirro en Asculum en el año 279 a.C., en la cual perecieron muchos

hombres del ejército de Pirro, quien, al contemplar el desastre exclamó "¡Una victoria más así y estamos acabados!". Dicha locución posee equivalentes en la mayor parte de las lenguas europeas: *Pirryc victory* (ing.), *victoire à la Pyrrhus* (fr.), *Pyrrhus Sieg*¹⁹ (al.) y *vittoria di Pirro* (it.).

Finalmente, tanto el Antiguo como el Nuevo Testamento han servido de inspiración para todos los pueblos que comparten la cultura cristiana. Algunos ejemplos son *El espíritu es fuerte, pero la carne es débil* (esp.), *The spirit is willing but the flesh is weak* (ing.), *Der Geist ist willig; aber das Fleisch ist schwach* (al.), *L'esprit est prompt, mais la chair est faible* (fr.), *Lo spirito è forte, ma la carne è debole*²⁰ (it.) (S. Mateo 26: 41); y *lavarse las manos* (esp.), *wash one's hands of* (ing.), *s'en laver les manis* (fr.), *sich die Hände waschen* (al.) y *lavarsi le mani* (it.). (S. Mateo 27: 24).

Las paremias son especialmente proclives a constituir *européismos culturales*: *Más vale tarde que nunca* (esp.), *Better late than never* (ing.), *Besser spät als nie* (al.), *Mieux vaut tard que jamais* (fr.), *Meglio tardi che mai* (it.). Téngase en cuenta que las fuentes de distribución de refranes europeos son, precisamente, la antigüedad griega y romana, el latín medieval, los repertorios de citas y proverbios, así como los textos modernos que se han distribuido desde mediados del siglo XX a través de Europa mediante los medios de comunicación de masas. No es de extrañar, pues, la existencia de un buen número de repertorios multilingües de refranes, como los de Strauss (1994), Paczolay (1997), Iscla (1995) y Sevilla et al (1998/2001, y 2001).

Y tampoco debe resultar raro que sean precisamente las paremias las que cuenten con un mayor número de correspondencias interlingüísticas. Piñel (1999) considera el contraste de lenguas un método científico especialmente útil en la Paremiología ya que pone en relación refranes de distintas culturas y lenguas, que, sin embargo, presentan coincidencias a veces asombrosas. En el caso del español y el alemán, el estudio contrastivo revela coincidencias notables del tipo *De noche todos los gatos son pardos* y *In der Nacht sind alle Katzen grau*, especialmente tratándose de culturas aparentemente tan distintas. Con respecto al par de lenguas español-francés, Reyes (1999) llama la atención acerca de la abundancia de paremias francesas con equivalentes idénticos en español, desde el punto de vista formal, como *Heureux au jeu, malheureux en amour* y *Afortunado en el juego, desafortunado en amores*, cosa que no ocurre

¹⁵ Véase también la tesis doctoral de Song Feng-Yun (1993) sobre fraseologismos somáticos en las lenguas checa y china que establece, siguiendo la metodología de Cermák (1982, 1988), una correspondencia básica general de más del 70% para las dos lenguas. Un resultado que no deja de sorprender si tenemos en cuenta la gran disparidad existente entre el checo y el chino.

¹⁶ Agradecemos la colaboración de J. J. Leiva y M. Seghiri para algunos de los ejemplos que siguen a continuación.

¹⁷ Esta locución presenta dos variantes: *Achilles-Sehne* (con guión de palabra compuesta) y *Achilles Ferse* (también con guión *Achilles-Ferse*). La variante con *Sehne* es polisémica ya que significa tanto 'talón de Aquiles' como 'tendón de Aquiles'.

¹⁸ Otras variantes en francés son *Un barbier rase l'autre* y *Un âne frotte l'autre*.

¹⁹ También *Pyrrhussieg*.

²⁰ También, pero con menor frecuencia de uso, *Lo spirito è disposto ma la carne è debole*.

con respecto a las expresiones idiomáticas, para las que a veces no se hallan equivalentes de traducción apropiados. Y es que, añade el autor, las paremias, por su idiomática y su componente normativo y sentencioso de valor universal comparten más fácilmente estructuras formales y léxicas de lenguas distintas.

Como ha señalado Mieder (2000), el uso general de refranes en la Europa actual indica un fuerte vínculo entre los pueblos de Europa. Todos estos textos expresan sabiduría e intuición humana general, sin ninguna referencia nacional o étnica específica. Y puesto que son básicamente idénticos en todas las lenguas, son y seguirán siendo formas efectivas de comunicación metafórica entre los europeos en la comunicación diaria y en las discusiones de alto nivel en el Parlamento Europeo o en el Mercado Común. Ésta es también la opinión de Shirley L. Arora (en Sevilla, 2000), cuando reflexiona en torno al uso transcultural de las paremias. Considera la autora que el proceso de difusión de estas unidades de un idioma a otro se ha saldado con la constitución de todo un corpus de refranes internacionales. Este proceso se ve reforzado aún más hoy día por la movilidad de las poblaciones, los contactos interlingüísticos multiétnicos y la influencia pervasiva de los medios de comunicación, el cine y el impacto de las nuevas tecnologías (correo electrónico, Internet y la red mundial).

3.3.3 Los trasvases

Si el pasado común confiere una cierta homogeneidad al caudal fraseológico de las distintas lenguas, el presente compartido constituye una fuente inagotable de creación de fraseología neológica. El préstamo en las lenguas más “tolerantes” o el “calco” en las más restrictivas en materia de política lingüística son los dos procedimientos estrella. Por ejemplo, si nos ceñimos al caso del español, son muchos los préstamos extranjerizantes que han entrado en nuestra lengua. Sin llegar a ser un fenómeno tan llamativo como en italiano, aún así son muchas las locuciones terminológicas que hemos incorporado del inglés sin cambio alguno, o, como mucho, tras cierta adaptación ortofónica. Piénsese, por ejemplo, en los fraseologismos del ámbito del fútbol. Citaremos en este punto el trabajo tan sugerente de Samper Pizarro (2001-2002), titulado, precisamente, “A patadas con la lengua. (Literatura y periodismo deportivos en español)”:

Hace pocos años un canal español de televisión se propuso colar de nuevo una palabra inglesa que había sido derrotada en buena lid

por el tiro *franco* o el tiro *libre*: fue entonces cuando resucitó a la fuerza el *free kick* en la versión *friqui*. Tan artificiosa propuesta no funcionó, gracias a Dios, y hoy en día, cuando uno oye el friqui de labios de los periodistas de esta emisora, sabe que sólo están rumiando una frustración.

Por desgracia no ha sido siempre así. Recientemente un locutor recordó que los ingleses llaman *hat trick* a la tripleta de goles anotados por un mismo jugador en un solo partido. Y el virus se extendió. De seguro, ninguno de los usuarios del *hat trick* sabe lo que traduce, ni estaría en condiciones de explicar qué tiene que ver el «truco del sombrero» o «la prueba de la chistera» con estas hazañas dignas sólo de Rivaldo. Pero ya todos hablan del *hat trick* y, peor aún, la expresión degenera poco a poco en *jatrí*, por lo cual no sólo lloro por el gesto de desdén hacia el español, sino por el maltrato al inglés.

Aduce el autor ejemplos que ilustran como el préstamo puede devenir en calco: así, el *center forward* ha sido sustituido finalmente por *centrodelantero*. Y es que el calco es, precisamente, uno de los procedimientos más frecuentes para la traducción de UF's al español (Corpas Pastor, 2000b). A modo de ilustración tomaremos un fragmento de la novela inglesa *Adrian Mole* (Towsend, 1999) y su traducción española. La locución inglesa *come out of the closet* ('admitir abiertamente la homosexualidad de uno') ha sido traducida literalmente como *salir del armario*.

The post brought cards from Pandora (Happy Birthday, Constituent), Nigel (a card said, 'Come out of the closet, you know you're gay,' with a drawing of a man stuck in a wardrobe), the Sudgens (a jut-jaw washing a sports car). (p. 362)

El correo aportó tarjetas de Pandora (“Feliz Cumpleaños, Querido Elector”), Nigel (una postal que rezaba “A ver si sales del armario de una vez. Todos sabemos que eres gay”, sobre el dibujo de un hombre oculto en un guardarropa), y los abuelos Sudgen (un sujeto de barbilla prominente ocupado en lavar un automóvil deportivo). (p. 296)

Hoy día esta unidad está plenamente introducida en español con la acepción anterior, por más que el *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA) no registre ningún ejemplo de uso. Algunos ejemplos son: “No existe fórmula perfecta para salir del armario, pero si [sic] existen ciertos factores que deben darse antes de dar ese paso tan importante.” (www.gaybarcelona.net/perspectivas/lasalida.htm)²¹ y “Salir del armario es dar a conocer tu orientación sexual. [...] Tienes que salir

²¹ [Consulta 11-03-06].

del armario y no sabes como? ¿No te atreves?" (users.servicios.retecal.es/fmuri/charla/palabros/armario.htm)²². Incluso éste el título que se ha dado a la versión española (*Salir del Armario*, Manga Films) de la película francesa *Le Placard* (de Francis Veber, 2000).

Pero tanto si el extranjerismo se introduce inalterado en la lengua, sufre cierta adaptación o bien se reproduce el esquema semántico-formal mediante calco, resulta innegable la influencia que en el proceso tienen los medios de comunicación (radio, televisión, prensa, etc., y, cada vez más, el correo electrónico). Como muestra un botón. Por ejemplo, la locución inglesa *hot potato* ('(sl.) thing awkward to deal with', COD) ha pasado al español como *patata caliente*. De acuerdo con los datos extraídos del CREA, se contabilizan 27 casos en 27 documentos, la mayoría de ellos pertenecientes al género prensa o relativos a temas de actualidad, de los cuales el más antiguo es del año 1983 (televisión, reportaje). Si realizamos nuestras búsquedas en el *Corpus Diacrónico del Español* (CORDE) no encontramos, sin embargo, ocurrencia alguna de dicha unidad.

... de Altos Hornos del Mediterráneo es una de esas "patatas calientes" que nadie quiere tener en la mano. ** 1983 ORAL Informe Semanal, 09/07/83, TVE 1 ESPAÑA 09. Reportajes

... y Tribunales entienden que el caso Rumasa es una "patata caliente" que el Gobierno ha puesto en sus manos ** 1986 PRENSA ABC, 03/06/1986: LA JUSTICIA ANTE RUMASA: BALANCE DE TRES A ESPAÑA 03. Justicia, legislación

... pequeña Mélodie parece haberse convertido en una patata caliente y es posible que a estas horas las in ** 1987 PRENSA ABC, 13/11/1987: Los secuestradores de Mélodie enviaron por ESPAÑA 05. Actualidad

... iguen: - Despidos. Morales negó haber dejado "una patata caliente" al nuevo concejal de Circulación y a ** 1989 PRENSA ABC, 14/07/1989: Los socialistas dicen que se hace campaña ESPAÑA 03. Política

... paña actual; ya sólo por esto contiene más de una patata caliente difícil de digerir o susceptible de s ** 1989 PRENSA ABC, 15/04/1989: Los dioses de sí mismos ESPAÑA 02. Literatura

... ceniza ardiente de un despacho que quema como una patata caliente. Aunque, si se puede dominar el Pirul ** 1989 PRENSA ABC, 19/08/1989: Hemos visto ESPAÑA 04. Medios de comunicación

... icalidad y el nivel de vida. En sus manos está la patata caliente. Una de dos, o consigue convencer a l ** 1990 Vázquez Montalbán, Manuel Galíndez ESPAÑA 07. Novela

A veces el fenómeno es más sutil. Por ejemplo, la UF *side effect* ('a secondary (usu. undesirable) effect', COD), que ha sufrido un proceso de especialización desde la lengua general hasta convertirse en una locución terminológica del discurso médico-farmacológico, correspondería en español a *efecto secundario*. Sin embargo, recientemente se ha empezado a usar la UF *efecto colateral* con esa misma acepción, por influencia del del esquema morfosemántico de la unidad inglesa. Según los datos del CREA, *efecto secundario* aparece 492 veces en un total de 256 documentos, fechados a partir de 1975, fundamentalmente textos científicos, ensayos y artículos de prensa (generalmente de tema médico), obras de ficción, etc.

... ficientes para contar con la probabilidad de este efecto secundario, y no hay base para negarlo. Hay ad ** 1975 Jiménez Vargas, J. ¿A qué se llama aborto? ESPAÑA 06. Medicina

... o de determinados fines. b) Las concomitancias o efectos secundarios que pueden producirse con el empl ** 1979 Rodríguez, Federico Introducción a la política social ESPAÑA 03. Política

... a procaína o novocaína (1905), más sencilla y sin efectos secundarios de dependencia; también de modo f ** 1981 Álvarez de la Vega, F. Contribución de la Química al desarrollo de los productos na ESPAÑA 01. Química

... ollas, ¿saben si esa invasión viene acompañada de efectos secundarios, tales como menstruaciones y otra ** 1981 Pérez Merinero, Carlos Días de guardar ESPAÑA 07. Novela

²² [Consulta 11-03-06].

24 os científicos, ya que pueden tener incidencia de efectos secundarios, como puede ser la sedación, somn ** 1989 PRENSA ABC, 28/06/1989: Un elevado porcentaje de irritaciones ocul ESPAÑA 06. Salud

21 o alteran, y al igual que los fármacos tienen sus efectos secundarios, si bien estos no invalidan sus b ** 1999 EFÍMERO 99204047 ESPAÑA 08. Mensajes de correo electrónico

Por su parte, *efecto colateral* presenta 39 apariciones en un total de 18 documentos, siendo el más antiguo de 1983. Aunque en muchos casos la UF actualiza la acepción médica, también es frecuente encontrarla en referencia a temas políticos, sociales y económicos.

... riptina y el 12 por 100 con L-dopa. Toxicidad Los efectos colaterales más frecuentes son la intoleranci ** 1983 Pérez Manga, Gumersindo Cáncer de mama ESPAÑA 06. Medicina

... primera vez en edad avanzada (Murphy, 1983). Los efectos colaterales de los fármacos antidepresivos pu ** 1988 Alonso-Fernández, Franc cisco La depresión y su diagnóstico. Nuevo modelo clínico ESPAÑA 06

... des modernas, incluyendo, por qué no, también los efectos colaterales negativos ligados a dicho desarro ** 1986 PRENSA ABC, 07/05/1986 : «Hay que adecuar el automóvil a su condici ESPAÑA 02. Sociología

... O., el conflicto del profesorado puede tener como efectos colaterales el hundimiento del sistema de rep ** 1988 PRENSA ABC, 10/05/1988: Palmas y pitos ESPAÑA 03. Empleo, trabajo

... ora, por lo menos al ritmo necesario para que los efectos colaterales del caso Borrell no hagan más des ** 1999 PRENSA Canarias 7, 25/05/1999: De los efectos colaterales ESPAÑA 03. Política

Que la primera unidad es más frecuente en la acepción equivalente a la UF inglesa resulta evidente al contratar los resultados del CORDE: *efecto secundario* aparece 11 veces en 9 documentos, siendo el más antiguo de 1876, mientras que *efecto colateral* aparece 3 veces en dos documentos, fechados en 1950 y 1964 respectivamente. Ahora bien, el auge de la segunda UF en los últimos tiempos ha propiciado el nacimiento de una nueva unidad: *daño colate-*

ral, generalmente en referencia a la política, que aparece un total de 15 casos en 12 documentos, uno fechado en 1989, pero el resto a partir de 1995 en adelante (CREA). En el CORDE, sin embargo, no se registra dicha unidad, por más que *efecto y colateral* sí aparezcan individualmente en el corpus diacrónico.

... ían uso de fotografías aéreas para evitar "causar daños colaterales". ** 1989 PRENSA ABC, 04/08/1989: Los secuestradores suspenden la "sentencia ESPAÑA 03. Política

... sin piernas de Madrid, en uno de esos inevitables daños colaterales fruto de las equivocaciones del gen ** 1995 Ramírez Codina, Pedro J. David contra Goliat. Jaque mate al felipismo ESPAÑA 03. Política

... ado en el lenguaje oficial de la Alianza como un "daño colateral", tiene una trágica similitud como el ** 1999 PRENSA Canarias 7, 30/04/1999: El 'cuarto error' de la OTAN provoc ESPAÑA 03. Política

... bas inteligentes son perfectas, y aquí no hay más daños colaterales que los que la ineficacia del respo ** 1999 PRENSA El Faro de Vigo, 03/05/1999: Sección: Opinión ESPAÑA 05. Actualidad

... en falta a algunos de sus miembros. Allí tenemos daños colaterales por culpa de que, ya se sabe, ni la ** 1999 PRENSA El Faro de Vigo, 03/05/1999: Sección: Opinión ESPAÑA 05. Actualidad

4 Focos de resistencia

Paradójicamente muchos de los factores que contribuyen favorablemente al desarrollo de la homogeneización fraseológica inciden también en su contra. Ése es el motivo por el que algunos de los agentes anteriormente mencionados y calificados como factores propicios se repitan desde otra óptica en esta parte del trabajo. Éste no es el caso de los universales lingüísticos y fraseológicos, ni tampoco de las metáforas conceptuales, ya que dichas categorías inciden únicamente en lo común y en lo universal de las lenguas. Sin embargo, los aspectos culturales son ambivalentes, pues pueden actuar como fomentadores de la convergencia o como acicates de la divergencia.

Entre estos aspectos se encuentran aquellos símbolos que lejos de ser compartidos por varias lenguas representan claros indi-

cios de identidad nacional y cultural. Las divergencias interfraseológicas reflejadas en los estudios contrastivos pueden ser fruto de la existencia de raíces culturales distantes y diferentes o simplemente ser el resultado de una serie de casualidades lingüísticas. Tal es el grado de separación que en ocasiones pueden encontrarse significados antónimos en diversas lenguas y culturas bajo un mismo símbolo. Un ejemplo de este tipo es el caso ya mencionado de la *serpiente*, al que podemos unir el del *búho* que, a pesar de manifestar una misma función simbólica en la cultura occidental – *sabiduría, conocimiento* –, aparece en diferentes lenguas europeas dentro de locuciones que denotan tanto la sabiduría como la estupidéz (cf. Dobrovól'skij y Piirainen, 2000): *as wise as an owl* (inglés), *vis som en uggla* (sueco), *zo dom als een uil* (holandés), *uil, die ik ben* (holandés), *tuhma kuin pöllö* (finés), *mikä pöllö ollenkaan ollut* (finés). Dentro de la cultura europea también es posible encontrar simbolología animal que genere divergencias fraseológicas. Éste es el caso de la *abeja* que aparece con funciones simbólicas muy distintas en las paremias alemanas y las españolas (cf. Piñel: 1999). El símbolo de la adulación, e incluso el de la traición que está presente en *jede Biene hat ihren Stachel* contrasta con las connotaciones positivas que emergen de este animal como símbolo de riqueza y bienestar en las paremias españolas *A quien tiene abejas nunca le falta un buen postre en la mesa, Abejas y ovejas en tus dehesas*.

Otro ámbito en el que constatar diferencias interfraseológicas es el de los números, entre los que destacan el siete, el nueve y el ocho. Tal y como afirman Dobrovól'skij y Piirainen (2000: 46) el siete y el nueve han sido los números que la mayor parte de lenguas occidentales tradicionalmente ha empleado con la función simbólica *mucho*, a excepción de la lengua inglesa en cuya fraseología es posible encontrar UFs con el componente *nueve* para realizar esa misma función. Más confusión adquiere el tema si mencionamos la convivencia de funciones simbólicas antónimas de este número en la lengua inglesa. Así *To be on cloud nine* y *To be dressed up to the nines* implican 'mucho', mientras que *A nine days wonder* o *To bowl over like ninepins* denotan 'poco'. A todo esto cabe añadir el gran contraste que se produce entre las culturas occidentales y las orientales en las que el número ocho destaca con un despliegue de funciones muy similar al exhibido por el siete en las lenguas europeas.

Junto a los símbolos como marcadores de distancias lingüísticas y culturales se hallan todos aquellos aspectos peculiares y autóctonos que distinguen la cultura de un pueblo concreto. Nos referimos tanto a las instituciones, como los nombres propios, la

literatura, los juegos, los deportes e incluso las tradiciones nacionales o regionales que no han traspasado las fronteras (cf. Mena Martínez, 2003). Cuando uno de estos elementos aparece como constituyente de alguna UF, la distancia interfraseológica aumenta considerablemente hasta el punto de constituir en ocasiones graves problemas para la traducción. Esto es lo que ocurre, por ejemplo con *To talk Billingsgate*,²¹ *To be/end up in Carey Street*²² o *To carry coals to Newcastle*.²³ Ejemplos con nombres propios son: *And Bob's your uncle!*, *A plain Jane*, *A peeping Tom*, *A Simple Simon* o *Every Jack has his Jill* que procede de la rima infantil "Jack and Jill went up the hill to fetch a pail of water, Jack fell down and broke his crown and Jill came tumbling after". Dentro de los deportes hay que destacar aquellos que no gozan de la fama y de la popularidad del fútbol o el baloncesto ya que estos pueden ser el origen de UFs comunes. El *cricket*, sin embargo, es un juego suficientemente restringido a un área geográfica como para generar expresiones idiomáticas propias de una nación: *Off one's own bat*, *To have a good innings*, etc.

En el extremo opuesto de esta fraseología que ensalza lo propio y lo autóctono encontramos otras expresiones que como buen reflejo de prejuicios se deleitan en la crítica y en la mofa de otros pueblos. Se trata de las UFs que poseen tintes xenófobos o que dotan a países y regiones de actitudes y valores negativos. Debido a su naturaleza, estas expresiones, lejos de acercar y promover la convergencia lingüística y fraseológica, actúan como factores de "segregación" fraseológica. La obra de Esteban (1996) *Refranero contra Europa* contiene numerosos ejemplos de la triste realidad en la que las paremias son empleadas como transmisores de odio y prejuicio entre los pueblos del continente europeo. Para ilustrar este punto basten estos ejemplos: *Dios enseña al hombre, el demonio adiestra al alemán* (paremia rusa), *Una vez que todo está terminado, el sueco es sabio* (p. finlandesa), *Si acoges a un eslovaco, te echará de casa algún día* (p. húngara), etc. Autores como Luque Durán y Manjón Pozas (1998) afirman, no obstante, que en muchas ocasiones las UFs no transmiten una opinión verdadera ya que en realidad los gentilicios son empleados en un deseo de elativizar el mensaje. En este sentido locuciones como *Beber como un cosaco*, *Trabajar como un*

²¹ El significado de esta UF 'hablar mal, sin seguir las reglas del sistema' procede del lugar *Billingsgate* que antiguamente era el principal mercado de pescado en Londres, famoso por el mal uso del lenguaje.

²² Los tribunales donde se juzgan los casos de bancarrota están situados en la calle Carey de Londres, de ahí el significado de esta locución.

²³ Newcastle es una ciudad famosa por la producción de carbón, de ahí que la UF haya adquirido el significado 'llevar algo a un sitio que es famoso por la producción de ese mismo producto'.

negro, *Ser engañado como un chino* en español, o *Dutch courage* y *To go Dutch* en inglés representan prejuicios superficiales en los que no hay que intentar hallar tópicos raciales.

Finalmente, y como aspecto profundamente optimista y enriquecedor cabe destacar el resurgir de las lenguas minoritarias que también actúa como factor en contra de la homogeneización fraseológica. Afortunadamente, el fenómeno de la globalización financiera y mediática ha encontrado respuesta en otros movimientos que reaccionan volviendo la mirada hacia sus propias raíces. Dentro de estas reacciones se encuentran todos aquellos estudios e investigaciones que se están realizando sobre las lenguas minoritarias y las lenguas aborígenes cuyo objetivo es el de conservar su patrimonio lingüístico-cultural (cf. Helman, 2002). A estos trabajos de investigación se añaden los proyectos de enseñanza bilingüe que pueden ser los responsables de la recuperación de formas lingüísticas y fraseológicas de lenguas vernáculas ya caídas en desuso. Sirva como ejemplo el programa educativo EBI (Educación Bilingüe Intercultural) puesto en marcha en Perú entre cuyos objetivos se encuentra atender a las comunidades que hablan quechua, aimara o demás lenguas aborígenes en la obtención de un bilingüismo aditivo y coordinado.

5 Conclusiones

La globalización fraseológica se sustenta sobre varios pilares que demuestran que frente a la riqueza de la diversidad se produce también el efecto contrario de la convergencia y de la homogeneización. Si dejamos al margen todos aquellos factores relacionados con la globalización financiera y mediática que intentan imponer un modo de vida y un lenguaje preestablecido, poco natural, a costa de la eliminación de las manifestaciones culturales y lingüísticas autóctonas, nos hallamos ante un proceso de recuperación y ensalzamiento de las bases comunes a muchas lenguas. Estas bases constituyen razones suficientes como para que la globalización fraseológica pueda ser considerada como un proceso diferente al de la internacionalización económica.

Hablamos pues de globalización en la fraseología no en el sentido más extremo de la palabra, sino como la convergencia de UFs alimentada por fuentes compartidas como los universales lingüísticos, las metáforas conceptuales y los aspectos culturales. Junto a estas fuentes se encuentran otros factores propicios generados por los trasvases y el multilingüismo. Dentro de los universales lingüísticos se localizan los universales fraseológicos, surgi-

dos a partir de una serie de similitudes y coincidencias halladas por los investigadores en la estructura de los sistemas fraseológicos de las diferentes lenguas. Algunas herramientas cognitivas propician también la semejanza fraseológica. En este sentido, el papel de las metáforas conceptuales en la creación y la interpretación de las UFs es la causa de que muchas expresiones figurativas procedentes de lenguas distantes presenten un alto grado de coincidencia. Dentro de los aspectos culturales destacan los símbolos cromáticos, numéricos y de los animales que se reflejan en las UFs de varias lenguas bajo una misma función simbólica. La herencia común, materializada en muchas naciones por la herencia greco-romana, las traducciones de los clásicos, las grandes obras de la literatura universal, así como la Biblia, actúa como fuente de convergencias fraseológicas, constadas en el caso de Europa a través de los *européismos naturales y culturales*. Por otro lado, los trasvases, incentivados por los medios de comunicación, recogen los préstamos y calcos fraseológicos que se introducen en las lenguas imitando o copiando las expresiones propias de otras lenguas.

Frente a estos propiciadores de la convergencia se encuentran otros factores que actúan como focos de resistencia, bien sea porque imprimen en las UFs la naturaleza idiosincrásica y peculiar de las lenguas – p. ej. ciertos símbolos, constituyentes fraseológicos que expresan instituciones, nombres propios o juegos característicos –, o porque generan expresiones con tintes xenófobos. En este grupo se incluye también el esfuerzo por recuperar las lenguas minoritarias.

Las conclusiones de este estudio no poseen validez absoluta pero el número y el peso de los factores propicios nos permiten hablar de una posible tendencia a la globalización, al menos, de ciertas UFs en determinadas áreas geográficas. Cabe esperar, no obstante, que otros puntos de la geografía mundial queden al margen de esta tendencia sobre todo si no se presentan los indicios anteriormente mencionados. La conservación de aquellas unidades con rasgos de especificidad nacional y cultural dependerá mucho del uso que de ellas realicen los hablantes y de las políticas educativas y lingüísticas de los gobiernos nacionales y regionales.

Las consecuencias derivadas de un proceso de este tipo son numerosas y afectan a distintos ámbitos además del puramente fraseológico. Entre ellas hallamos la pervivencia y la prevaencia de aquellas unidades comunes que registren una alta frecuencia de uso. En el campo de la didáctica, la homogeneización facilitará la adquisición y el aprendizaje de las UFs de segundas lenguas y de lenguas extranjeras gracias a las zonas de convergencia fraseológi-

ca. La constatación de aspectos universales y compartidos aumentará la comprensión y la tolerancia entre los pueblos además de favorecer el entendimiento lingüístico. La recuperación de las raíces culturales comunes estimulará la creación de lazos y la cercanía entre las naciones. Todas estas consecuencias positivas contrastan en gran medida con las producidas por aquellos factores que inciden en la desaparición de las lenguas. Una de ellas sería la eliminación de las peculiaridades lingüísticas y culturales. Es probable también que como consecuencia se originara un universo fraseológico superpuesto y neutro despojado de todos aquellos parámetros que le pudieran imprimir la especificidad de una lengua concreta. Como respuesta a esto se encuentran, no obstante, los movimientos alternativos surgidos en los últimos años que ofrecen métodos distintos y cuyos objetivos residen sobre todo en la salvaguarda del patrimonio privativo de una cultura concreta.

Para el establecimiento de resultados más concluyentes será necesario, no obstante, realizar investigaciones a gran escala dedicadas a la observación cuidadosa del uso y del desarrollo fraseológico, así como de las fuentes de convergencia de UFs en el mayor número posible de lenguas. La puerta queda abierta a futuros estudios que se encarguen, por un lado, de analizar las causas lingüísticas, cognitivas y culturales que tienen como efecto numerosas coincidencias en el terreno de la fraseología y que, por otro, registren los hechos derivados de una evolución que se está produciendo a un ritmo vertiginoso. En la evolución de las UFs creemos que un buen punto de partida lo representan las bases y los orígenes comunes: *quand tu no sais pas où tu vas, souvienstoi d'où tu viens*.²⁶

Bibliografía

- Battaner Arias, P. (dir.) (2002) *Diccionario de uso del español de América y España*. Barcelona: Vox. [DUEAE]
- Burger, H. (2000) 'Konzepte von "Variation" in der Phraseologie', en A. Häcki Buhofer (ed.) *Vom Umgang mit sprachlicher Variation. Soziolinguistik, Dialektologie, Methoden und Wissenschaftsgeschichte*. Tübingen: Francke Verlag: 35-51.
- Casadei, F. (1996) *Metafore ed espressioni idiomatiche. Uno studio semantico sull'italiano*. Roma: Bulzoni Editore.
- Cohen, N. (2002) 'Reden des Sitzungsvorsitzenden des Europäischen Parlaments: eine Diskursanalyse'. Comunicación presentada en el Congreso

Internacional de EUROPHRAS celebrado en la Universidad de Bielefeld, Loccum (Alemania) 2-5 de Junio, 2002.

Corpas Pastor, G. (1995) *Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español*. Edición en microfichas. Málaga: Universidad de Málaga.

Corpas Pastor, G. (1996) *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos.

Corpas Pastor, G. (1998a) 'Criterios generales de clasificación del universo fraseológico de las lenguas con ejemplos en español y en inglés', en M. Alvar Ezquerro y G. Copas Pastor (coords.) *Diccionarios, frases, palabras*. Málaga: Servicio de Publicaciones de la Universidad, 157-187.

Corpas Pastor, G. (1998b) 'Expresión fraseológicas e colocación: clasificación', en X. Ferro Ruibal (ed.) *Actas do I Coloquio Galego de Fraseoloxía*. Centro Ramón Piñeiro. Xunta de Galicia, 31-61.

Corpas Pastor, G. (ed.) (2000a) *Las lenguas de Europa: Estudios de fraseología, fraseografía y traducción*. Granada: Comares.

Corpas Pastor, G. (2000b) 'Acerca de la (in)traducibilidad de la fraseología', en G. Copas Pastor (ed.) *Las lenguas de Europa: Estudios de fraseología, fraseografía y traducción*. Granada: Comares, 483 - 522.

Corpas Pastor, G. (2001) 'Corrientes actuales de la investigación fraseológica en Europa', *Euskera*, 1, 21-49.

Corpas Pastor, G. y Morvay, K. (2002) 'Los estudios de fraseología y fraseografía en la Península Ibérica (Breve presentación y orientación bibliográfica)' *Annales Universitatis Scientiarum Budapestinensis de Rolando Eötvös Nominatae. Sectio Linguistica*. XXV, 167-184.

Corpas Pastor, G. (2003) 'Introducción', en G. Copas Pastor *Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 15-38.

Corpus de Referencia del Español Actual (CREA). <<http://www.rae.es>> [Consulta 10-06-03].

Corpus Diacrónico del Español (CORDE). <<http://www.rae.es>> [Consulta 10-06-03].

Coulmas, F. (1981) *Routine im Gespräch. Zur pragmatischen Fundierung der Idiomatik*. Wiesbaden: Akademische Verlagsgesellschaft Athenaion.

Čermák, F. (1982) *Idiomatika a frazeologie četiny* (Idiomatics and Phraseology of Czech). Praga: Karlova univerzita Praha.

Čermák, F. (1988) 'On the Substance of Idioms', en *Folia Linguistica* XXII/3-4, 413-438.

Čermák, F. (2000) 'Revisando los fraseologismos somáticos', en A. Pamies Bertrán y J. de D. Luque Durán (eds.) *Trabajos de lexicografía y fraseología contrastivas*. Granada: Método Ediciones y Granada Lingüística, 55-62.

Dobrovol'skij, D. (1988) *Phraseologie als Objekt der Universalienlinguistik*. Leipzig: VEB Verlag Enzyklopädie.

²⁶ Proverbio africano que se ha incorporado al francés como calco, el cual significa 'Si no sabes a dónde vas, recuerda de dónde vienes'.

- Dobrovolskij, D. (1992) 'Phraseological universals: theoretical and applied aspects', en M. Kefer y J. van der Auwera (eds.) *Meaning and Grammar. Cross-linguistic perspectives*. Berlin y New York: Mouton de Gruyter, 279-301.
- Dobrovolskij, D. y Piirainen, E. (1997) *Symbole in Sprache und Kultur. Studien zur Phraseologie aus kultursemiotischer Perspektive*. Bochum, Brockmeyer.
- Dobrovolskij, D. y Piirainen, E. (2000) 'Sobre los símbolos: aspectos cognitivos y culturales del lenguaje figurado', en A. Pamies Bertrán y J. de D. Luque Durán (eds.) *Trabajos de lexicografía y fraseología contrastivas*. Granada: Método Ediciones y Granada Lingüística, 29-54.
- Dubois, A. (1998) *Una globalización sesgada*. Barcelona: Mientras Tanto, nº 70.
- Eismann, W. (2002) 'Gibt es phraseologische Weltbilder? Nationale und Universales in der Phraseologie', en D. Hartmann y J. Wirrer (eds.) *Wer A sagt, muss auch B sagen*. Hohengehren: Schneider Verlag Hohengehren GmbH, 107-127.
- Esteban, J. (1996) *Refranero contra Europa*. Madrid: Ollero & Ramos.
- Földes, C. (1991) 'Farbzeichnungen als phraseologische Strukturkomponenten im Deutschen, Russischen und Ungarischen', en Ch. Palm (ed.) *EUROPHRAS 90. Akten der internationalen Tagung zur germanistischen Phraseologieforschung*. Aske, Suecia 12-15 junio 1990. Uppsala: Studia Germanistica Upsaliensia, 77-90.
- Giddens, A. (1990) *La teoría social hoy*. Madrid: Alianza.
- Gläser, R. (1986) *Phraseologie der englischen Sprache*. Tübingen: Max Niemeyer.
- Gréciano, G. (2000) 'Phraseologie: Spezifische Merkmale, intra- und interlingual', *Revista de Filología Alemana* 8, Madrid, 233-252.
- Gréciano, G. (1999) 'Phraséologie et Institutions Européennes', en J. Sevilla Muñoz (ed.) *Akten des internationalen Kolloquiums zur Parömiologie*. Madrid, Córdoba, *Paremia* 8, 255-261.
- Gréciano, G. (1998) 'Europaphraseologie im Vergleich', en W. Eismann (ed.) *Europäische Phraseologie im Vergleich: Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Actas del Congreso Internacional de EUROPHRAS 95 (Studien zur Phraseologie und Parömiologie 15), Bochum: Brockmeyer, 247-262.
- Hammer, F. (1999) 'Zur Produktivität phraseologisch gebundener Farbzeichnungen im Deutschen und Französischen', en R. S. Baur, Ch. Chlosta y E. Piirainen (eds.) *Wörter in Bildern, Bilder in Wörtern*. Hohengehren: Schneider Verlag, 199-218.
- Helman de Urtubey, S. (2002) 'Globalización: ¿Empobrecimiento lingüístico o plurilingüismo enriquecedor?', *La Revista* 4 (Órgano de Difusión del Departamento de Extensión de la Facultad de Filosofía y Letras de la UNT), 2-5.
- Iñesta Mena, E. M. y Pamies Bertrán, A. (2001) 'La conceptualización de la ira a través de las unidades fraseológicas', en G. Wotjak (ed.) *Studien zum romanisch-deutschen und innerromanischen Sprachvergleich*. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang Verlag, 123-143.
- Iñesta Mena, E. M. y Pamies Bertrán, A. (2002) *Fraseología y metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos*. Granada: Granada Lingüística.
- Iscla, L. (1995) *English Proverbs and their near equivalents in Spanish, French, Italian and Latin*. Nueva York: Peter Lang.
- Johnson, M. (1987) *The body in the mind. The bodily basis of reason and imagination*. Chicago/ London: University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (1987) *Women, Fire, and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago and London: University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (1990) 'The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image schemas?'. *Cognitive Linguistics* 1-1, 39-74.
- Lakoff, G. y Johnson, M. (1980) *Metaphors we live by*. Chicago y Londres: The University of Chicago Press.
- Lau, K. J. (2003) '“It's about Time”: The Ten Proverbs Most Frequently Used in Newspapers and Their Relation to American Values', en Mieder, W. (ed.) *Cognition, Comprehension, and Communication. A Decade of North American Proverb Studies (1900-2000)*. Hohengehren: Schneider Verlag, 231-254.
- Luque Durán, J. de D. y Manjón Pozas, F. J. (1998) 'Tipología léxica y tipología fraseológica: universales y particulares', en Juan de Dios Luque Durán y Antonio Pamies Bertrán (eds.) *Léxico y Fraseología*. Granada: Granada Lingüística y Método Ediciones, 139-153.
- Mansilla Pérez, A. (1999) 'La problemática de la traducción (alemán-español) del componente color en el ámbito de la fraseología', en M. A. Vega y R. Martín Gaitero (eds.) *Lengua y cultura. Estudios en torno a la traducción*. Madrid: Editorial Complutense, 171-179.
- Mellado Blanco, C. (1999) 'Imágenes asiduas del lenguaje figurado del alemán y el español: ¿Un universal lingüístico?', en *Estudios de Lingüística Contrastiva*. Universidade de Santiago, 353-360.
- Mena Martínez, F. (2002) 'La desautomatización de las paremias por sustitución: Un estudio cognitivo'. Murcia: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Murcia. Tesis doctoral.
- Mena Martínez, F. (2003) 'Aspectos socioculturales de la fraseología en la lengua inglesa'. Conferencia presentada en el VIII Curso de Promoción Educativa "Lengua extranjera, sociedad y cultura", Universidad de Murcia, 3 de marzo al 9 de mayo.
- Mieder, W. (2000) 'Historia y futuro de los refranes comunes de Europa', *Paremia* 9, 15-24.
- Moon, R. (1998) *Fixed expressions and idioms in English: A corpus-based approach*. Oxford: Clarendon Press.
- Moreno, I. (2002) *La Globalización y Andalucía. Entre el Mercado y la Identidad*. Sevilla: Mergablum.

Naumova, I. (2002) 'Phraseology as a mirror of national mentality'. Comunicación presentada en el Congreso Internacional de *EUROPHRAS* en Loccum (Alemania) celebrado del 2 al 5 de junio de 2002.

Paczolay, G. (1997) *European Proverbs in 55 Languages*. Veszprém: Veszprémi Nyomda Rt.

Pellen, R. (2001) 'Phraséologie et phraséographie en espagnol. De la typologie à l'inventaire des ressources'. *Bulletin Hispanique* 2, 607-673.

Piñel López, R. (1999) 'El animal en el refrán, reflejo de una cultura. Estudio contrastivo alemán-español'. *Paremia* 8, 411-416.

Rabadán, R. (2000) 'La traducción en la prensa y la globalización: funciones pragmáticas y formas textuales'. III Seminário de tradução científica e técnica em língua portuguesa: "Tradução, tradutores e tração na comunicação social. Problemas específicos da tradução no jornalismo e nos media", FCT: Fundação para a Ciência e a Tecnologia. <http://www.nca.pt/premio.traducao/trabalho/seminario2000/rosa_rabadan.htm> [Consulta 10-05-03].

Reyes de la Rosa, J. (1999) 'Paremiología y expresiones idiomáticas francesas y españolas en el discurso amoroso: una aproximación comparativa'. *Paremia* 8, 443-447.

Rothkegel, A. (2001) 'Zu neuen Ufern - eine Reise durch die Phraseologie(forschung)', en A. Häcki Buhofer, H. Burger y L. Gautier (eds.) *Phraseologie Amor. Aspekte europäischer Phraseologie*, Hohengehren: Schneider Verlag, 211-220.

Ruiz Gurillo, L. (2001) 'La fraseología como cognición: vías de análisis', *Lingüística Española Actual*. XXIII/1, 107-132.

Ruiz Gurillo, L. (2002) 'Cuaderno de bitácora para navegantes fraseólogos', *Verba* 29, 403-419.

Samper Pizano, D. (2001-2002). *A patadas con la lengua. (Literatura y periodismo deportivos en español)*. <http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/valladolid/ponencias/el_espanol_en_la_sociedad/1_la_prensa_en_espanol/samper_d.htm#Arriba> [Consulta: 10-06-03]

Seco, M.; Andrés, O.; Ramos, G. (1999) *Diccionario del español actual*. Madrid: Aguilar. [DEA]

Sevilla Muñoz, J. (1991) 'Propuesta de sistematización paremiológica', *Revista de Filología Románica* 8, 31-39.

Sevilla Muñoz, J. (2000) 'Shirley L. Arora y la Paremiología hispanoamericana', *Paremia* 9, 7-14.

Sevilla Muñoz, J.; Cantera Ortiz de Urbina, J.; Burrel, M.; Calzacorta Elorza, J. y Conde Tarrío, G. (1999) 'La búsqueda de correspondencias paremiológicas en castellano, catalán, gallego, vasco, francés e inglés', *Paremia* 8, 481-486.

Sevilla Muñoz, J.; Cantera Ortiz de Urbina, J.; Burrel Arguis, M.; Calzacorta Elorza, J.; Conde Tarrío, G. (eds.) (1998/2001) *877 refranes españoles con su*

correspondencia catalana, gallega, vasca, francesa e inglesa. 2ª ed. revisada y ampliada. Madrid: Eiunsa.

Sevilla Muñoz, J.; Cantera Ortiz de Urbina, J.; Zurdo Ruiz-Ayúcar, Mª T.; Piñel López, R. Mª; Arora, S. L.; Barbadillo de la Fuente, Mª T.; Ruiz Guirela, F.; Ould Mohamed-Baba, A. S.; Arroyo Ortega, A.; Burrel Arguis, M.; Presa González, F.; Natyjasczyk, A.G.; Blanco García, Mª P.; Turover, G. (Eds.) (2001) *1001 refranes españoles con su correspondencia en ocho lenguas (alemana, árabe, francesa, inglesa, italiana, polaca, provenzal y rusa)*. Madrid: Eiunsa.

Song Feng-Yun (1993) *Srovnávací idiomů v a ínském jazyce*. Praga: Universidad de Praga (Tesis doctoral inédita).

Stedje, A. (1991) 'Umeå, Rosen, Lilien und Veilchen sprechen. Zur Semiotik der Blumen in deutscher Phraseologie', en Ch. Palm (ed.) *EUROPHRAS 90. Akten der internationalen Tagung zur germanistischen Phraseologieforschung*. Aske, Suecia 12-15 junio 1990. Uppsala: Studia Germanistica Upsaliensia, 253-264.

Strauss, E. (1994) *Dictionary of European Proverbs*. 2 vols. Londres: Routledge.

Sykes, B. (ed.) (1983) *The Concise Oxford Dictionary of Current English*. 7ª ed. Oxford: Clarendon Press. [COD]

Towsend, S. (1999) *Adrian Mole: The Cappuccino Years*. Londres: Penguin Books.

Towsend, S. (1999) *Adrian Mole: Los años del cappuccino*. Barcelona: Muchnik Editores. (Traducción de A. Padilla Esteban).

Vargas Aguirre, M. (2000) 'Algunas reflexiones acerca de la globalización', en *Globalización. Revista Web Mensual de Economía, Sociedad y Cultura*, agosto. <<http://www.rcci.net/globalizacion>> [Consulta 06-06-03].

Wierzbicka, A. (1992) *Semantics, Culture and Cognition. Universal Human Concepts in Culture-Specific Configurations*. New York y Oxford: Oxford University Press.